

RUI BONDOSO

O EDITOR ESQUECIDO

EDUARDO SALGUEIRO E A EDITORIAL INQUÉRITO



 EDIÇÕES ESGOTADAS

1.ª edição | abril, 2024

 EDIÇÕES ESGOTADAS

Lisboa | Porto | Viseu | Aveiro

www.edicoesesgotadas.com
geral@edicoesesgotadas.com

© 2024

Direitos reservados para Edições Esgotadas, Lda.

Título O editor esquecido
Eduardo Salgueiro e a Editorial Inquérito

Autor © Rui Bondoso

Coleção x | n.º x

Revisão de Texto Ana Maria Oliveira | Edições Esgotadas, Lda.

ISBN x

Depósito Legal 531178/24

Impressão e Acabamento Tipografia Beira Alta, Lda.

Execução Gráfica Edições Esgotadas, Lda.

RUI BONDOSO

O EDITOR ESQUECIDO

EDUARDO SALGUEIRO E A EDITORIAL INQUÉRITO

ÍNDICE

Prefácio	11
Parte I — A vida	23
De Moimenta para o Porto.....	25
Eduardo, poeta precoce!	30
Eduardo nas tertúlias, nos jornais e nas revistas literárias	40
Eduardo perseguido, interrogado e preso político	68
Eduardo, do Porto para Lisboa, vai para O Século	71
Vai para o Diário da Noite.....	72
Eduardo na Seara Nova	77
No grupo Renovação Democrática	86
Eduardo no movimento da Filosofia Portuguesa.....	100
Parte II — A obra	115
A obra.....	117
Os cinco sócios de Eduardo Salgueiro.....	129
A publicidade nos próprios livros	133
As relações sempre difíceis com José Régio.....	136
O cerco da Censura. Os livros censurados e proibidos	146
<i>A relevância dos autores russos editados pela Inquérito na vida de Eduardo Lourenço e de José-Augusto França</i>	157
Sérgio, Régio, Rocha Martins, Redol, Casais Monteiro, Agostinho da Silva Gaspar Simões e outros mais!	159
Os melhores capistas trabalharam para a Inquérito	162
As coleções de livros da Inquérito	164
Dúvidas e conquistas da humanidade	165
Documentos e ideias para a história.....	171

O romance das vidas célebres	179
Ensaístas contemporâneos	182
Cadernos culturais	187
Os melhores romances dos melhores romancistas	208
Coleção aventura	215
Contos Inquérito	217
As melhores novelas dos melhores novelistas	218
Os melhores contos dos melhores contistas	225
Coleções de arte	229
Obras completas de Leão Tolstoi.....	230
Romances da história nacional.....	234
Biblioteca da nova geração.....	236
Coleção centauro.....	242
Biblioteca de iniciação médica.....	244
Obras completas de Jack London.....	246
<i>Obras de Alves Redol</i>	247
Os romances de Jane Austen.....	251
Documentos de informação jurídica.....	252
Romances de Manuel da Fonseca.....	253
Obras de Castro Soromenho.....	255
Obras completas de William Thackeray.....	259
Obras completas de Robert Louis Stevenson.....	262
Obras completas de Mark Twain	263
Textos clássicos	265
Obras completas de Charles Dickens.....	266
Cadernos de política internacional.....	268
Obras de Fernando Namora	270
Cadernos dum amador de teatro.....	273
Obras de Boris Pasternak	275
Os melhores contos dos melhores contistas	277

Antologia dos amigos do livro.....	281
50 obras-primas da literatura universal.....	282
Aventuras de Susana e Guilherme.....	284
Documentos da hora presente	284
Coleção de arte Inquérito.....	286
Fora das coleções	288
Parte III — Ousadias.....	307
A epopeia da filial do Rio de Janeiro 1940-1945	309
A conturbada participação na Bertrand.....	341
A gerência da Imprensa Libânio da Silva	345
Conclusão	347
Posfácio.....	349
Anexos	353
Tábua cronológica da vida e obra	355
Quadros das coleções da Inquérito	366
Índice Onomástico	423



PREFÁCIO

Eduardo Salgueiro, a Editorial Inquérito e a defesa da humanidade pelo livro – à laia de prefácio

É hoje consensual a relevância de Eduardo Salgueiro (1904-94) e da sua Inquérito para a edição e cultura portuguesas do século XX, mas nem sempre terá sido assim. Pelo menos é o que aponta Serafim Ferreira em obra evocativa dos editores lusos contemporâneos¹, na qual refere ainda que, antes de si, só Luiz Pacheco lhe teria prestado justo tributo público em vida².

A obra de Serafim Ferreira saiu originalmente em 1999; entretanto, já Salgueiro falecera e apenas haviam saído uns parcos obituários e outras evocações, sobretudo em páginas da imprensa, rapidamente amarelecidas nas coleções de hemerotecas e de particulares.

Daí que o contributo de Rui Bondoso, plasmado neste livro, seja de extrema importância e oportunidade. Ele vem colmatar uma lacuna evidente com um estudo aprofundado sobre um editor e uma editora marcantes no panorama português. Além disso, a sua escrita é clara, fluente, apelativa, o que convida à leitura e valoriza a obra. E tende também a ser concisa, o que pode parecer uma contradição dado o tamanho deste volume. Contudo, muito dificilmente o legado de Salgueiro e da Inquérito poderia ser devidamente iluminado e explicado em menos páginas, atendendo a que não havia trabalhos prévios de fundo que servissem de suporte para voos mais sintéticos.

1 Vd. *Olhar de editor*, 2.^a ed. revista e aumentada, Lisboa, Montag, 2019.

2 No texto “Um obreiro da cultura”, inserido no livro *Textos do barro*, editado pela sua Contraponto em 1984, p. 55-64, e que reúne textos saídos primeiramente no *Diário Popular*, em 1977-83.

Nesse sentido, este livro desenvolve adequadamente os marcos mais relevantes da intervenção de Salgueiro e da Inquérito e projectos conexos, seguindo os passos do seu mentor e alma *mater* quase até ao fim da sua vida. Para disso dar conta, o livro foi dividido em 3 partes, com a 1.^a dedicada à biografia de Salgueiro, a 2.^a à sua editorial (que deve o nome à ideia inicial duma revista, depois reconvertida na efémera *Mundo económico*, de 1936) e a 3.^a a projectos adjacentes. Além disso, a presente obra contém ainda paratextos, a conclusão e úteis apêndices.

Esmiuçando, a 1.^a parte tem o mérito de nos devolver um retrato de corpo inteiro de Salgueiro, atendo-se sobretudo às suas facetas intelectual, cultural e cívica. E com acerto, pois é esse cruzamento que dará espessura e singularidade ao homem enquanto editor. Um editor que se filia numa tradição que recua ao Humanismo, na preocupação com o conhecimento integral do Homem, na obsessão com a expressão estética e a divulgação de saberes sobre as mais variadas áreas, numa toada enciclopédica que teve vários representantes no Portugal contemporâneo. A esses traços aliou a preocupação com a causa pública e a emancipação dos cidadãos, que se reflectiu primeiramente na sua militância política enquanto republicano, democrata e socialista antissalazarista, e que depois se espelhou na escolha de muitas obras, autores, assuntos e coleções para o seu catálogo. Melhor será dizer para os seus catálogos, pois além da Editorial Inquérito criada em Lisboa, lançou ainda uma filial no Rio de Janeiro, que funcionou na 1.^a metade dos anos 1940 através da acção do então consócio A. Lobo Vilela; e participou na orientação editorial da Bertrand enquanto seu sócio administrador em 1942/3, tendo a censura mandado apreender uma obra por si escolhida, o antimonárquico *O rei dom Carlos I*, de Júlio de Sousa Costa, em 1943, o que logo lhe valeu uma detenção para interrogatório na polícia política (junto com o corresponsável Adolfo Casais Monteiro) e o

seu afastamento da Bertrand por pressão do regime. A retaliação oficial por esta ousadia editorial foi ao ponto do fecho temporário das suas lojas, algo inédito na vida centenária da Bertrand, e levou à substituição de vários administradores por pessoas mais do agrado da ditadura, como Pedro de Moura e Sá, Vitorino Nemésio, padre Moreira das Neves e Luís Forjaz Trigueiros.

Mesmo a militância política activa de Salgueiro revestiu-se duma faceta muito ligada à edição, que foi a de ter intervindo na causa pública sobretudo através da imprensa e da pena, enquanto redactor em vários jornais (p.e., em *O Comércio do Porto*, *Claridade*, *A Rajada* e *Diário da Noite*) ou responsável, caso do *República - semanário de crítica e doutrina* (1928/30), por si lançado no Porto. Pouco depois integrou o grupo progressista Renovação Democrática, surgido em 1932 e no qual militou até ao final, em 1945. Sintomaticamente, no seu *República* editaria a *Antígona* (1930) de António Sérgio, um panfleto anti-tirania e antissalazarista, e aquele grupo editaria *Cadernos de Cultura Democratista* (1933/4), onde saiu o seu *O suicídio dos catedráticos de Coimbra*, uma crítica aos lentes conservadores e egoístas. Deu ainda um especial contributo à influente revista *Seara Nova*, enquanto autor de vários artigos, coordenador de 2 números e consócio da empresa onde a mesma foi composta e impressa em 1950-53, a Imprensa Libânio da Silva. Ademais, a sua Inquérito publicou obras de vários seareiros, a começar por António Sérgio, de quem se tornou amigo desde que ele colaborou no seu *República*, um exemplo entre vários de como a sua rede de contactos cívicos e intelectuais foi depois potenciada noutros projectos seus, incluindo na Inquérito, aspecto ao qual Rui Bondoso presta especial atenção. É também oportuno destacar que, entre as suas várias detenções pela polícia política, duas devem-se à sua adesão a abaixo-assinados pró-fim da censura (o primeiro de 1953 e o segundo de 1967); outra,

por ter sido revisor de provas e assistente na impressão do folheto *Sugestões sobre matéria eleitoral apresentadas ao Governo pela Comissão Central Promotora do Voto*, escrito por Sérgio em 1957; e, a última, por ter recebido de França exemplares dos n.ºs 4 e 5 da publicação clandestina *Portugal Socialista*, em 1967. Esteve também envolvido no activismo anticolonialista, primeiro alegadamente pela sua participação no Movimento Nacional Democrático, que em 1954 envia à imprensa uma “nota oficiosa” sobre o que se estava a passar na Índia Portuguesa, condenando a política colonial lusa e defendendo a autodeterminação dos povos, e depois por ser coautor do panfleto socialista *À nação*, de 1968, que denunciaria o envolvimento do país numa guerra “mortífera” em 3 frentes e “sem solução militar”.

No âmbito da sua formação artística e intelectual, cabe ainda referir a sua precoce ligação à poesia, tendo publicado 5 livros na sua mocidade, e o seu envolvimento no grupo da Filosofia Portuguesa, corrente que preconizava a existência duma escola de pensamento nacional e do qual fizeram parte Álvaro Ribeiro, José Marinho, Santana Dionísio, Agostinho da Silva, Pinharanda Gomes, António Quadros, Orlando Vitorino, etc. Parte da obra deste grupo foi publicada pela Inquérito, outra parte pela Guimarães Editores (graças à intermediação do condiscípulo Francisco da Cunha Leão) e pelo jornal *Movimento 57*.

A 2.^a parte é formada por 47 capítulos, cabendo um para uma das 37 coleções, com os restantes dedicados ao balanço da obra editorial da Inquérito, às suas estratégias de *marketing*, às obras avulsas e a aspectos relevantes da sua relação com outros agentes do mundo do livro: os seus sócios na casa editorial, certos colaboradores (José Régio e os capistas) e os censores.

Começa por realçar 4 facetas relevantes: a singularidade do objecto livro (citando Jorge Luís Borges), a missão espinhosa do editor

(convocando Ruy Castro), o extenso tempo de vida que Salgueiro devotou à Inquérito (de 1936 a 1981, i.e., 46 anos) e a sua capacidade de inovação.

O último aspecto é escrutinado no presente livro em várias dimensões, desde logo a preocupação de Salgueiro em publicar para um público alargado e a conexas capacidade de vender a um preço acessível, para o que contribuiu a edição em fascículos e estratégias de *marketing* apelativas. Disto dera primeiro conta Pacheco no seu texto evocativo (*id.*, p. 61), ele que procurou seguir tal via na sua Contraponto e que se inspirara nas coleções venturosas de Agostinho da Silva (Cadernos de Iniciação Cultural, Antologia e Vidas de), coetâneas do arranque da Inquérito. Sintomaticamente, o livro de estreia da Inquérito (*História das ideias políticas*, de Gettell, 1936) foi editado em fascículos, e apesar das suas 688 páginas foi logo um êxito de vendas, tendo para tal ajudado o recurso, por Salgueiro, ao ficheiro de assinantes do seu *República* portuense.

Outra dimensão relevante é a qualidade da maioria das obras e autores escolhidos. Importa salientar que há uma certa correspondência entre autores mais publicados e obra de qualidade literária, ou seja, o critério quantitativo seguia o critério qualitativo. Assim, nos autores estrangeiros eleitos sobressaem escritores russos contemporâneos como Dostoievski, Tolstoi (ambos com 6 títulos) e Andreief (4). A Inquérito deu um contributo assinalável para a sua visibilidade no mercado luso, divulgando pensadores consagrados como Aristófanes, Plutarco, Platão, Sófocles, Diderot, Kant e Schopenhauer, e escritores mais ou menos recentes como Charles Dickens, Mark Twain, Robert Louis Stevenson, Edgar Allan Poe, George Eliot, Jane Austen, irmãs Brönte, Baudelaire, Stendhal, Maupassant, Bunine, Kessel, Hemingway, Roger Martin du Gard, Radiguet, Jean Cocteau, Jack London, Pirandello, Aldous Huxley,

etc. Vários destes autores receberam o Prémio Nobel da Literatura. E o monumental romance *Guerra e Paz*, de Tolstoi, teve a primeira edição portuguesa na Inquérito. Nos autores portugueses destacam-se António Sérgio (15 títulos), José Régio e Rocha Martins (ambos com 9 títulos), Alves Redol (8), Adolfo Casais Monteiro (7), Fernando Pessoa, João Gaspar Simões, Agostinho da Silva, A. Lobo Vilela e António de Sousa (estes com 5 títulos cada um). Foi na Inquérito que foram lançados escritores depois marcantes como Manuel da Fonseca, Fernando Namora e Vergílio Ferreira.

Ainda quanto ao perfil autoral, quase 2/3 dos 242 autores divulgados foram estrangeiros (ou 155). Aos autores portugueses (87) há que juntar ainda os 60 tradutores (também autores de paratextos e notas) e os 27 capistas e ilustradores, num total de 174 nacionais, dos quais 17 foram mulheres. Houve um cuidado sistemático com a qualidade das traduções (via convites a Casais Monteiro, Sérgio, José Marinho, Fernando Lopes-Graça, Gaspar Simões, Agostinho da Silva, Álvaro Ribeiro, Domingos Monteiro, etc.) e do aspecto gráfico dos livros, encomendando-se a artistas como Fred Kradolfer, Manuel Ribeiro de Pavia, Bernardo Marques, Júlio, Vespeira, Ofélia, António Pedro, João Carlos Celestino Gomes, Paulo Ferreira, Lima de Freitas, Luís Filipe Abreu, Figueiredo Sobral, Infante do Carmo e Álvaro Duarte de Almeida.

Na dimensão inovadora, cabe por fim realçar as sinergias na produção (ao juntar a participação na tipografia Imprensa Libânio da Silva, em 1944-53, à casa editora e à adjunta oficina de composição) e a capacidade de organizar a edição numa série considerável de coleções, por sua vez alinhadas segundo divisões temáticas, disciplinares ou por autores.

Em concreto, evidenciam-se as áreas da filosofia, da política, da história (sobretudo biografia), do ensaio, das artes e da literatura. A literatura foi a mais contemplada, com c. de 2/3 das coleções, cobrindo-

se generosamente subgéneros tão variados como o romance, a novela, o conto, a poesia, o teatro e a estética. Neste particular, deixaram rasto as coleções da trilogia Os melhores romances dos melhores romancistas (48 originais em 1939-46, além de c.150 reedições), As melhores novelas dos melhores novelistas (53 originais em 1939-44) e Os melhores contos dos melhores contistas (11 originais em 1940-46). Merece também menção a aposta em supostas integrais (“obras completas”) de 11 autores, sobretudo estrangeiros, incluindo Jack London (8 originais em 1943-47), Mark Twain (6 originais em 1944-46) e Dickens (3 originais em 1946-47). A Inquérito nunca embarcou na edição da literatura mais comercial então em voga, como folhetins sentimentais, fotonovelas, revistas e brochuras de moda. No âmbito do ensaio, pontificou a coleção Cadernos Culturais (1938-62), com 93 títulos integrados em 9 séries abrangendo política, história, economia, sociologia, filosofia, religião, artes e letras, ciências naturais e exactas, pedagogia e direito. Os seus livros tiveram o formato «livro de bolso» (12x19 cm), com uma média de 70-80 páginas a baixo custo, potenciando ainda mais a projecção desta que foi uma das coleções mais marcantes da edição lusa.

A pesquisa e levantamento que Rui Bondoso efectuou durante 6 anos permite também aceder a um *photomaton* bastante expressivo da produção editorial da Inquérito: acima de 5 milhões de exemplares de 1021 títulos, entre edições, reedições, reimpressões e duas edições produzidas e lançadas no Brasil pela filial carioca (em 1940-45). Daqueles, 434 títulos foram primeiras edições (347 dos quais insertos em coleções), 457 foram reedições e reimpressões, além de 130 reedições lançadas exclusivamente no Brasil. O período de glória coincide, *grosso modo*, com a II Guerra Mundial, 1939-46. O pico editorial deu-se em 1942, com 90 títulos publicados, quase 8 por mês. Depois disso, o estudo de Bondoso revela-nos uma descida

gradual no labor editorial. Assim, nos anos 1950 e 60, o cerne serão reedições e reimpressões, sobretudo da coleção Cadernos Culturais, em resposta a encomendas da Fundação Gulbenkian para a sua rede de bibliotecas itinerantes e fixas. Em 1972 saiu o último original dum livro³. Essa foi uma fase marcada pelo forte abrandamento na saída de primeiras edições (agora na casa dos 9-11 títulos anuais), subsistindo via reedições e reimpressões. Seria prudência comercial, mas também efeito dos escritores lusos terem deixado de levar originais para publicação, antevendo o ocaso da editora. Era a altura em que Salgueiro começava a receber ameaças de despejo.

Rui Bondoso dá a entender que Salgueiro não terá gerido a Inquérito do modo mais capitalista, devido à generosa retribuição aos autores (incluindo a prática incomum de adiantamentos de honorários) e à teimosia na edição de muitas obras potencialmente malquistas pela ditadura. Todavia, um factor determinante foi a perseguição sistemática que lhe foi movida pelas forças censórias e repressivas. Esta perseguição arrancou em 1941, quando os censores lhe impõem que “As obras já impressas não deverão ser distribuídas sem prévia autorização destes Serviços” e que “Nenhuma obra dessa editorial deve ser publicada, de futuro, sem que seja previamente submetida a censura”⁴. Tal significa que toda a produção da Inquérito passou a ser vista «a pente fino», e para sempre, o que Rui Bondoso analisa em primeira mão de modo detalhado, com base em documentação que compulsou na Torre do Tombo.

A perseguição oficial tomou um carácter mais repressivo de 1943 em diante, data a partir da qual começa a ser ‘filtrada’ toda a

3 Trata-se do ensaio *Amadeo de Souza-Cardoso*, de José-Augusto França.

4 Cf. Torre do Tombo, Arquivo do SNI, Censura, 1941-1972, cx. 742, notificações da Direcção dos Serviços de Censura datadas de 13/5/1941 e de 7/4/1941, respectivamente.

edição de livros de autores russos, alguns dos quais nomeámos atrás, mesmo que a maioria fosse já do cânone literário, e não propriamente escritores revolucionários soviéticos. Foram então também proibidos livros de autores lusos.

É verdade que nem metade dos c. de 50 títulos alvo de veredicto escrito será integralmente interdita à leitura. Seja como for, a investida oficial era já uma penalização com efeitos na imagem e finanças, pois implicava retirar milhares de livros do mercado. Ademais, pelo menos 4 livros tiveram de levar cortes e «emendas» para poderem circular⁵, implicando atrasos e adulterações de conteúdo, e algumas obras proibidas viram a sua produção totalmente apreendida⁶. Outro dano relevante é que o cerco oficial também limitou a procura por grandes encomendadores, a começar pelo Estado e com a honrosa excepção da aludida Fundação Gulbenkian (cuja encomenda foi, todavia, circunscrita no tempo e no escopo). Arrancando na central Rua Garret, a Inquérito foi ainda obrigada a várias mudanças de sede, que terão sido já reflexo do rombo financeiro causado pela perseguição oficial.

Apesar das retaliações, o editor persistiu na sua missão cívico-cultural, ajudando a alimentar o resiliente mercado de livros clandestinos com opúsculos de Sérgio⁷, romances de Namora (p.e., *A noite e a madrugada*, de 1950), prosa de combate de José Magalhães Godinho, Raul Rego e Mário Soares (da qual Salgueiro era depositário) e todo o catálogo da Contraponto, pois a Inquérito era sua distribuidora.

5 Casos de *Cerromaior*, de Manuel da Fonseca; *Lá fora, o sol brinca!:* novelas, de M. Ramos da Cunha; *Este mundo e o outro*, de Rocha Martins; e *Rio turvo e outros contos*, de Branquinho da Fonseca.

6 Casos de *O caminho fica longe* (romance de estreia de Virgílio Ferreira) e de *Os sete enforcados*, de Andreief, ambos em 1943.

7 V.g., *Alocução aos socialistas*, 1947, e *Educação cívica*, 1954.

O labor de Salgueiro à frente da Inquérito cessou no final de 1981, com a venda desta à Publicações Europa-América (PE-A) de Francisco Lyon de Castro. O estudo de Rui Bondoso anuncia essa passagem de testemunho como sinal de fim de ciclo, porquanto a editora prosseguiu caminho em novas mãos mas sem conseguir recuperar o fulgor dos tempos áureos. Até à data, recente, do fim do próprio grupo editorial da família Lyon de Castro.

A 3.^a parte é formada por 3 capítulos, que detalham os projectos da efémera filial brasileira da Inquérito, da conturbada participação de Salgueiro na Bertrand e do seu envolvimento na Imprensa Libânio da Silva, aventuras que atrás referimos.

Rui Bondoso demonstra com profusa prova que a Inquérito foi o grande legado de Eduardo Salgueiro. Embora tendo contado com o apoio de amigos e familiares, a Inquérito foi sobretudo plasmada por este editor audaz, empenhado e visionário, que lhe devotou uma boa parte da sua vida, desdobrando-se em fundador, administrador, editor, director editorial, distribuidor, tradutor, autor de paratextos, etc.⁸ Um editor que, por tudo isso, tem lugar reservado no *beau monde* de editores marcantes do Portugal que afrontou a longa ditadura. Neste escol Rui Bondoso inclui Manuel Rodrigues de Oliveira (da Cosmos), Francisco Lyon de Castro (do grupo PE-A), Vítor Silva Tavares (da &etc), Fernando Ribeiro de Mello (da Afrodite) e Snu Abecassis (da Publicações D. Quixote)⁹. A estes poderíamos

8 Na sociedade comercial que criou a Inquérito tiveram também quotas A. Lobo Vilela, Pedro Cardia, João Arnaldo Lobo Vilela, Castro Soromenho e Rogério Paulo, e o filho Emílio Guerra Salgueiro foi director de duas das suas coleções.

9 Faltam-nos monografias para os grandes obreiros da Cosmos e da PE-A, mas existem perfis para ambos em Pedro Leite, *Mercadores de letras*, Lisboa, FLUL, dissertação mestr., 1998, e em Nuno Medeiros, *Edição e editores*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2010. Para os restantes vd., respectivamente, Emanuel Cameira, *A & etc de Vítor Silva Tavares*, Lisboa, FLUL, tese doutr., 2018; Pedro Piedade Marques,

associar muitos mais, mas, atendendo ao perfil da Inquérito, de feição generalista com foco no binómio literatura-ensaio e cruzando missões cívica e cultural democratizantes e antissalazaristas, é pertinente também convocar individualidades como Luís da Câmara Reys, Jaime Cortesão e Rodrigues Lapa (em representação da Seara Nova), Agostinho da Silva (e os seus “cadernos”), Augusto Sá da Costa (Livraria Sá da Costa Editora), A. Lobo Vilela (Editorial Gleba), Américo da Silva Areal (Edições Asa), Joaquim Figueiredo Magalhães (Ulisseia), Luiz Pacheco (Contraponto), Rogério Moura (Livros Horizonte), António Alçada Baptista (em representação da Moraes Editores), Bruno da Ponte (Edições Minotauro), António Barata (Editorial Presença), Francisco Espadinha (id.), António Manso Pinheiro (Editorial Estampa), Pedro Francisco e Mário Brochado Coelho (em representação da Afrontamento), José Cruz Santos (Editorial Inova), Carlos Loures, Manuel Simões e Júlio Estudante (todos da Nova Realidade), Carlos Araújo (Publicações D. Quixote e Editorial Teorema), Viriato Camilo (Prelo), José Ribeiro (Ulmeiro e Assírio & Alvim), Joaquim Soares da Costa (Edições 70), Assírio Bacelar (Assírio & Alvim) e João Carlos Alvim (id.).

Para quase todos eles já existiam estudos (ou recolhas de testemunhos) que analisavam os respectivos percursos¹⁰. Porém,

Editor contra, Lisboa, Montag, 2015; e Daniel Melo, “Snu Abecassis (Copenhague, 1940 – Lisboa, 1980)”, *Portal Editores y Editoriales Iberoamericanos (siglos XIX-XXI) - EDI-RED*, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes (BVMC), 2023.

10 Quanto a estudos, e a título ilustrativo, vd. Daniel Pires, “Seara Nova”, *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX (1941-1974)*, Lisboa, Grifo, vol. II, 2.º tomo, 2000, p. 430-535; Marta Oliveira, *Livraria Sá da Costa: uma livraria e editora através da história (1913-2011)*, Aveiro, Universidade de Aveiro (UA), 2011, dissertação mestr.; Artur Manso, *Agostinho da Silva*, V. N. de Gaia, Estratégias Criativas; João Pedro George, *Putá que os pariu! A biografia de Luiz Pacheco*, Lisboa, Tinta-da-china, 2011; Paula Machado, *Rogério de Moura*, Lisboa, CML; Sara Ludovico, “«Um editor já desmascarado ou marcado»: A Livraria Moraes Editora e

persistiam lacunas, das quais uma das mais clamorosas residia na dupla Salgueiro-Inquérito, agora colmatada por este estudo abrangente de Rui Bondoso. Ademais, o seu relevante manancial de informação, análise e interpretação poderá servir de base para que outros se abalancem, doravante, por novos caminhos e perspectivas.

Daniel Melo

Departamento de Ciências Sociais e de Gestão, Universidade Aberta, Rua da Escola Politécnica, 147, 1269-001, Lisboa, Portugal
e CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH,
Universidade NOVA de Lisboa

a censura”, *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, vol. 16, 2016, p. 453-73; Sofia Espírito Santo, *Relatório de estágio em edição na Editorial Presença*, Aveiro, UA, relatório de estágio - Mestrado em Estudos Editoriais, 2010; e entradas de Daniel Melo para Bruno da Ponte, José Ribeiro, Assírio Bacelar e João Carlos Alvim no *Portal EDI-RED*, Alicante, BVMC, 2018-22. Para aqueles sem monografia vd.: Pedro Leite, *op. cit.*, 1998; Nuno Medeiros, *op. cit.*, 2010; Rui Beja, *Democracia do livro em Portugal*, Lisboa, Temas e Debates, 2019; e Flamarion Maués, *Livros que tomam partido*, Lisboa, Edições Parsifal, 2020. Como antecedente próximo desta linha refira-se o grupo editorial de feição anarco-sindicalista ligado ao diário *A Batalha* e à Confederação Geral do Trabalho e que editou novela social e ensaio político e social, sempre a baixo preço, atendendo ao seu público, o operariado; vd. António Baião, “Secção Editorial de *A Batalha* (SEAB) (1919-1927)”, *Portal EDI-RED*, Alicante, BVMC, 2018.